



A escola que fez mais do que era esperado

Oleiros



Com uma única turma de secundário regular, a Padre António de Andrade obteve 11,72 de média. A expectativa ficava-se pelos 8,49. No 9.º ano também se superou. O segredo? Acompanhamento “familiar” desde o jardim de infância

Reportagem
Bárbara Wong

Por todo o lado há uma mensagem desenhada e escrita numa folha A4 plastificada: “Vamos deixar acesas as ideias”. É um convite aos professores e alunos da Escola Básica e Secundária Padre António de Andrade, em Oleiros, Castelo Branco, para a poupança de energia – no Inverno há dias com temperaturas negativas, logo, a escola tem uma grande despesa –; mas é também uma proposta para que se estude, para que se seja mais.

A escola destaca-se na lista do secundário, feita com base nas notas dos exames nacionais – com oito escolas públicas à frente e em 45.ª posição no ranking 1 e em 39.ª no 2 (com mais de 50 provas) – com uma média de 11,72 (numa escala de 0 a 20 valores) É a oitava pública no ranking. A média esperada

para a Padre António de Andrade – o patrono é um homem da terra, um jesuíta do século XVI, o primeiro europeu a chegar ao Tibete – era de 8,49 valores, tendo em conta o contexto sócio-económico dos alunos – 27% dos estudantes no escalão mais baixo da acção social; as baixas habilitações e o tipo de profissões dos pais –, segundo os cálculos da Universidade Católica do Porto. Pertencendo ao grupo de escolas inseridas em contextos mais desfavorecidos foi aquela que, a nível global, mais se superou no secundário. No 9.º ano também aconteceu mas em menor escala: esperava-se que os seus alunos ficassem pelos 2,67 de média a Português e a Matemática mas chegaram aos 3,10, posicionando a escola em 62.º lugar entre as 1055 públicas analisadas.

Os resultados deixam feliz a directora Isabel Gonçalves. Mas o mérito não é só da escola, dos docentes e dos estudantes. É também da autarquia, salvaguarda. “A câmara desenvolveu esforços para ajudar as famílias que tinham dificuldades em manter os filhos

Padre António de Andrade

Escola Básica e Secundária

Provas	Média	Rank.	Rank. esperado		Valor
			1	2	
6.º ano	76	3,2	265	213	–
9.º ano	60	3,1	273	220	2,67
Secund.	50	11,72	45	39	8,49

Contexto escolar

Habilitações médias dos pais	7,52 anos escolaridade
Profissões mais qualificadas	14,29%
Docentes de quadro	62,10%

Ação Social Escolar

Escalão A	27%
Escalão B	29%
Não beneficiário	44%

Taxas de conclusão

4.º ano	100%
6.º	95,5%
9.º	80,6%
12.º	64,0%

Fonte: Min. da Educação e Univ. Católica do Porto

na escola”, explica. Uma ajuda que passa por oferecer o material escolar do pré-escolar e 1.º ciclo; os almoços do jardim de infância e transportes. Há crianças que fazem uma hora de autocarro de manhã e outra à tarde para percorrer 30 quilómetros por estradas sinuosas de montanha, entre os pinhais do centro do país.

A directora reconhece que o contexto económico do concelho é fraco “mas também há famílias com dinheiro”. Confirma que os pais têm baixa escolaridade (7,5 anos, dizem os dados da tutela), trabalham nos serviços camarários, em serrações, também há desempregados; que nem sempre têm capacidade para acompanhar os filhos e, por isso, é que a escola se preocupa em oferecer mais do que as disciplinas obrigatórias, desde os três anos.

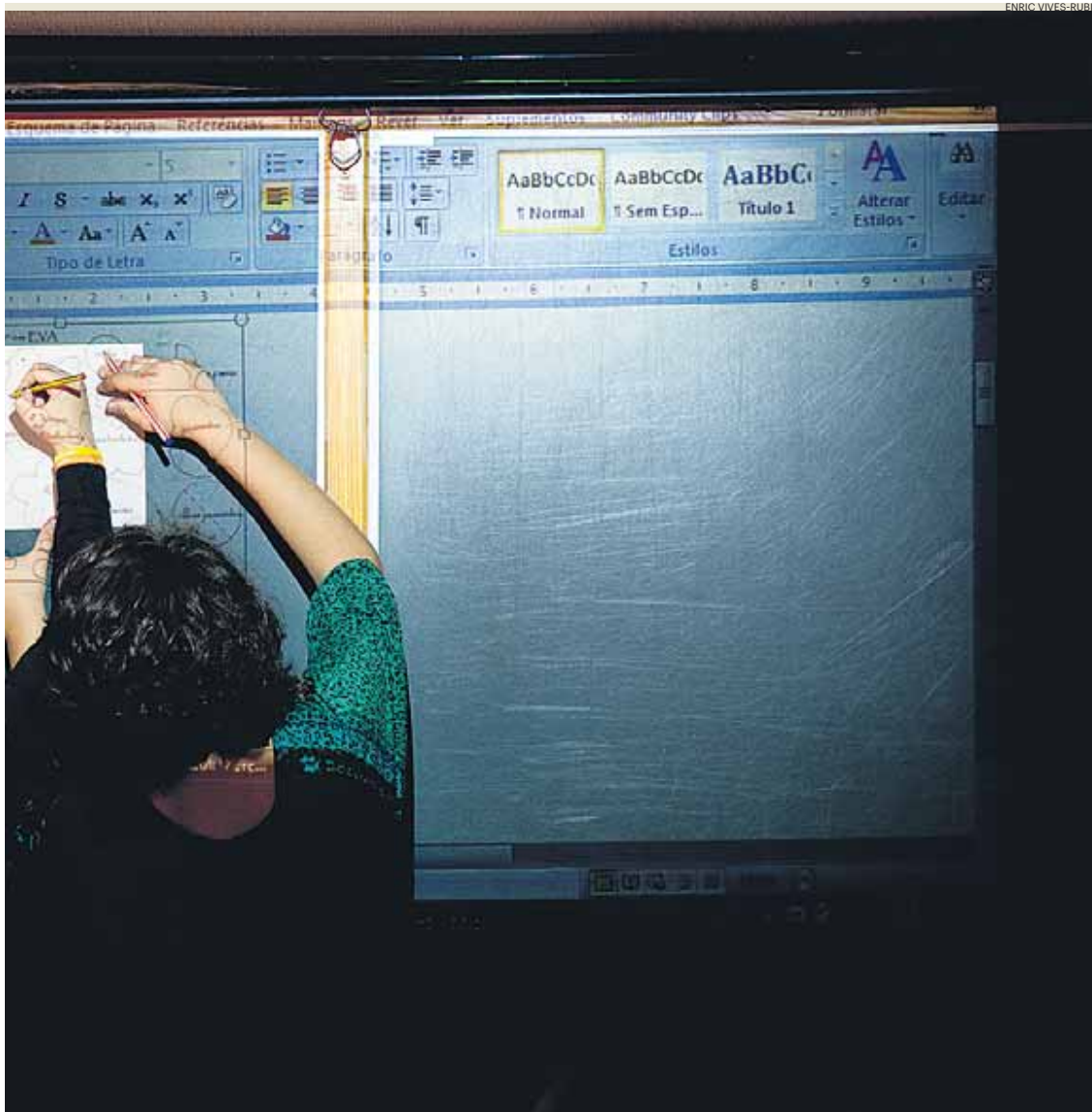
Existem o clube de artes e o da floresta, entre outros; há desporto escolar, aulas de apoio e actividades em que a escola se abre à comunidade – das peças de teatro dos mais pequenos à feira do livro, passando pela

celebração das festas de Natal ou Carnaval, sem esquecer a feira quincentista. “Em Agosto há a Feira do Pinhal e a escola participa com exposições do que aqui fazemos. Por exemplo, montamos um laboratório para as pessoas fazerem experiências e são os alunos que se disponibilizam para lá estar”, orgulha-se.

Espírito familiar

“Tentamos envolver os professores neste espírito familiar que se vive na escola, muitos ficam uma hora depois do horário e disponibilizam-se para estar com os alunos. Há um grande empenho e dedicação”, refere Isabel Gonçalves, reforçando que o agrupamento de escolas do pré-escolar ao secundário tem 365 alunos, logo, é um “agrupamento familiar”.

A familiaridade extravasa as portas da escola de tal maneira que a direcção pede aos pais para não incomodarem os docentes fora de muros. “Vamos na rua e falamos com toda a gente. Solicitamos aos pais para não incomodarem os professores



mas quando vamos ao café falam connosco – ‘O garoto porta-se bem?’ – e nós respondemos”, confidencia a directora.

No Facebook, os amigos são os ex-alunos da escola. A maioria regressa para contar que está a gostar do ensino superior. Outros prometem que voltarão à terra para trabalhar. Alguns não cumprem. “É o interior esquecido”, diz Isabel Gonçalves.

Na biblioteca estão alunos dos 5.º e 6.º anos. Envergam fatos de treino e roupas confortáveis. Um grupo de rapazes joga em computadores portáteis. Ainda são fruto do plano tecnológico promovido pelo Governo de José Sócrates. Se assim não fosse, as famílias não teriam capacidade para os adquirir. Não servem só para jogar, mas para trabalhar, salvaguarda a directora. Mas na sala de alunos – da responsabilidade da associação de estudantes – os matraquilhos e a mesa de ping pong estão vazios e meia dúzia de rapazes não desvia os olhos dos ecrãs para não perder outros dois olham atentamente para a televisão.

Residência estudantil

Por cima da escola fica a residência de estudantes do Ministério da Educação e gerida pela autarquia. Com quatro andares e capacidade para 64 alunos, ali vivem sete, dos dez aos 16 anos. Em tempos áureos já foram 36, do 1.º ciclo ao 12.º ano.

Quando há 15 anos aquele espaço foi criado, o objectivo era acolher os alunos de longe. Agora, são poucos os que cumprem esse critério. “Muitas vezes, a proposta para os recebermos vem do conselho de turma. São os professores que consideram que seria benéfico os alunos ficarem aqui durante a semana”, conta Dirce Padrão, directora da residência. Ao fim-de-semana vão a casa.

São crianças oriundas de ambientes sócio-económicos deprimidos que “precisam de apoio económico, no estudo e mesmo psicológico”. São jovens sem regras, que não sabem que devem tomar banho todos os dias, que há horários para cumprir. E tudo isso se aprende ali, onde além de se dormir, come-se, e estuda-se hora e meia

por dia, com um professor. “O objectivo é que melhorem o seu desempenho. Vou ver as notas e, por vezes, há um ralhete”, revela Dirce Padrão que também é professora.

Na escola, a higiene não é esquecida e a directora fica desagradaada ao ver, no refeitório, um tabuleiro perdido. Houve um aluno que não o levantou e não reciclou o seu conteúdo: plástico para um lado, papel para o outro e resíduos noutra.

De resto, a escola faz o que tantas outras fazem: acompanha as crianças desde o pré-escolar; oferece actividades extra-curriculares; propõe mais horas de apoio para os alunos com dificuldades; a Matemática e a Inglês há dois professores na sala de aula uma vez por semana; há apoio semanal para Física e Química e Biologia e Geologia; atribui prémios de excelência (com base no aproveitamento) e de valor (reconhecendo as atitudes e comportamentos). “Costumo dizer que não pagando temos as mesmas regalias que um colégio particular”, resume Dirce Padrão.